

## **A UCRÂNIA É AQUI – POR PAULO TIMM**

*Postado em 9 de março de 2014 por Leonardo Mota Neto*

A UCRÂNIA É AQUI – por Paulo Timm

Para os brasileiros, fora Prudentópolis, no Paraná, que concentra considerável número de imigrantes ucranianos desde há mais de um século, a imensa UCRÂNIA é um enigmático país encravado entre a Europa e Ásia. Apesar disto, o noticiário das últimas semanas está focado nos problemas internos deste longínquo país, agora transformado em epicentro de uma Segunda Guerra Fria confrontando a Rússia e o Mundo Ocidental.

Guerra Fria...? O que é isto, perguntarão os jovens...?

A expressão se refere ao enfrentamento que polarizou o planeta do pós II Guerra, em 1945, até o fim do bloco soviético, em 1991, opondo Estados Unidos, como defensor de um modelo de mercado, democraticamente organizado, à União Soviética, defensora de um modelo economia coletivista planejado, sob regime de Partido único. As duas potências saíram da guerra com elevado poder de fogo e considerável influência ideológica, embora tenham sido aliadas na luta contra a Alemanha de Hitler. Sabe-se hoje que muitos estrategistas ocidentais consideravam, já no fim da Guerra, como inevitável o confronto entre os dois blocos e chegaram a avaliar um Plano de Guerra contra a União Soviética, em boa hora considerado como “impensável” por Winston Churchill, então líder britânico. As tensões, entretanto, foram se acumulando e com elas o crescente armamento nuclear, a tal ponto que, em ação, num eventual conflito, colocaria em cheque a própria humanidade.

Muito embora com nítida superioridade americana nos campos econômico e militar, os dois polos do mundo cavaram, assim, um enorme fosso com as outras nações e acabaram se impondo em suas respectivas áreas de influência. Em alguns momentos, porém, deste longo percurso, permeado de conflitos regionais, inevitavelmente associados a um destes polos e através dos quais acomodavam-se as tensões, foram se abrindo brechas que colocavam em cheque a hegemonia de um e outro.

Importante defecção foi a aproximação da China aos Estados Unidos nos anos 70. Finalmente, em 1991, depois da fracassada tentativa do líder Gorbachev de reformar e abrir o modelo soviético, o próprio país se desfez como proposta ideológica e centro de poder imperial. Acabava a Guerra Fria, ao tempo em que os Estados Unidos impunham ao mundo o “Consenso de Washington”, um modelo de gestão econômica de inspiração liberal de mercado, fortemente articulado à hegemonia financeira americana.

A grande crise econômica de 2008, porém, que ainda se arrasta com altos níveis de desemprego em todo o mundo, abalaria duplamente o papel dos Estados Unidos no cenário mundial.

De um lado, este país perderia a condição de maior economia mundial, sobrepassada pela China cujas exportações somariam o maior valor do comércio mundial em 2009 e cujo comércio exterior, na soma de importações e exportações atingiriam o maior valor mundial em 2012. Ainda nesta década a China deverá ultrapassar, também, o PIB americano.

Por outro, como resultado do crescimento chinês e de outros países como Índia, países em desenvolvimento, dentre os quais Brasil, Rússia, África do Sul e alguns outros, responderam positivamente à crise e ganharam inusitado relevo no cenário mundial.

A Rússia, beneficiária deste processo e graças à estabilização política interna, depois da ascensão de Putin ao Poder, revitaliza seu processo de Grande Nação e volta a alimentar ambições hegemônicas desafiando abertamente os Estados Unidos, mormente em suas antigas áreas de influência na Europa Oriental. Anuncia, também, a instalação de bases militares em países aliados como Venezuela e Cuba, além de fortalecer sua presença no Pacífico.

Aí se insere a crise da Ucrânia, tal como já ocorreu há pouco com a Geórgia... Além de que estas se constituíam como Repúblicas Soviéticas no regime anterior, são partes integrantes do longo processo histórico de formação da nação russa, desde os tempos imperiais. Kiev, por exemplo, capital da Ucrânia, é o berço da Mãe Rússia, que mais tarde se deslocou para Moscou. Detém, por certo, uma identidade cultural e nacional, sem ter sido um Estado antes de 1992, mas profundamente entrelaçada à Rússia, muito embora pagando um elevado tributo neste processo na Era Stalinista, bem retratado no premiado documentário “made in Ucrânia” – Os Ucrânios no Paraná, em 2006, do brasileiro Guto Pasko .

(\*) Artigo de Paulo Timm, originalmente publicado em A FOLHA, de Torres, RS, em 6 de março último.

## DIA NACIONAL DO CAFÉ: 24 MAIO

**“Programe a sua homenagem ao café. O dia 24 de Maio precisa ser lembrado em todo o País. O magnífico aroma do café deve envolver as pessoas em todos os lugares e o gostoso sabor do café, encher nossos corações de alegria” (ABIC)**

Esta é a mensagem da ABIC – Associação Brasileira da Indústria de Café, que estabeleceu esta data, em 2009, para celebrar um dos mais característicos produtos brasileiros, historicamente responsável pela transição ao trabalho assalariado, pela imigração italiana, pela urbanização requintada do Rio e São Paulo, pela sociedade aristocrática que iria governar os anos de consolidação da República brasileira, numa trama tão excitante quanto complexa e contraditória. Ainda hoje, o Brasil é o maior produtor mundial de café (32,9 milhões de sacas na safra 2005/2006) e maior exportador (26,6 milhões sacas em 2005), sendo o produto consumido por 93% de sua população que constitui o segundo maior mercado consumidor, com 15,5 milhões de sacas industrializadas em 2005, graças à ingestão média de 8,1 litros por cada um de nós (2010), número duas vezes maior do que há 40 anos.

Entre nessa comemoração você também!!!

O café, porém, nunca foi bem aceito pela boa sociedade. A primeira cafeteria que se tem notícia foi montada, em Constantinopla, no distante 1475, época em que os turcos ameaçavam invadir a Europa com seu temível exército de janízaros. Episódio marcante deste contexto foi retratado no filme “A força do Amor”, que reconstitui o drama da entrega da bela e talentosa Verônica Franco, na corte de Veneza, ao fogueiro Rei de França, a fim de salvar a cidade dos turcos. Na verdade, séculos se passariam, até o fim da I Guerra Mundial, para que a “ameaça” turca ao Ocidente fosse definitivamente contida. O café turco, porém, forte, insinuante e convincente se infiltraria, a partir daí sobre a Europa. E mesmo tendo sido proibido na Península Arábica (Meca) em 1511 e em todo o Império Otomano em 1656, seu gosto já se havia imposto entre os ocidentais sendo cada vez mais apreciado, mesmo sob severas restrições. Assim, pois, o café é uma metáfora da própria modernidade. Concebida no mundo muçulmano de onde migra para o Ocidente, aí encontrará seu espaço de consagração. Na Itália, no início do século XVII, alguns padres pediram ao Papa Clemente VIII, que condenasse o consumo do café. Não tiveram êxito. O próprio papa já o tinha como hábito...

Os britânicos, foram os primeiros a comercializar o café na Europa. Registra a crônica que seu sabor e aroma fortes exerciam grande fascínio sobre a população, principalmente mais pobre. Estes se obrigavam, pela própria pobreza, ao uso do das folhas de chá por várias vezes durante o dia, acarretando numa bebida quente, porém sem atrativos, de cor e sabor. O chá, de cor forte, maior consistência e sabor acentuado era uma prerrogativa dos ricos. Com a entrada do café, ele se impôs, com nobreza, ao alcance das classes populares, por aparentar maior superioridade que o próprio chá. Era um símbolo.

Seu consumo, porém, na Inglaterra, logo encontrou dificuldades. Havia a crença de que o café era um “licor debilitante” da virilidade dos homens e fator de inúmeras doenças.

Já no ano de 1674, mulheres em Londres promoveram um abaixo assinado contra as cafeterias, lançando um panfleto: “A Petição Feminina Contra o Café”, onde se queixavam que os homens abandonavam suas casas “durante as crises domésticas”, para se divertirem nas “coffee houses”, e apregoavam os malefícios da “água suja, nauseante, amarga e escura”. Para as inglesas do século XVII o café não passava de um “licor debilitante” que tornava seus maridos “uns inúteis”. A crença de que a bebida trazida do Oriente causava a esterilidade e reduzia o desejo sexual fortaleceu-se na Inglaterra neste período a ponto de o rei Charles II tentar suspender as atividades das cafeterias, um ano após a petição feminina, alegando serem elas focos de revolucionários. Mas, o descontentamento geral provocado por seu decreto foi tão intenso que a suspensão durou apenas 11 dias.

Da Itália e Inglaterra, no século XVII o consumo do café se alastrou por toda a Europa. Na França, diz-se que o embaixador da Turquia (Império Otomano) na corte de Luiz XIV, disseminou de tal forma o café em Paris que, por volta de 1669, cafeterias, , dentre elas o Café de la Regence, ficaram bastante conhecidas como pontos de encontro de personalidades revolucionárias como Voltaire e Rousseau, e até de conservadores como o Cardeal Richelieu. Voltaire (1694-1778) deixou até o registro de sua devoção à bebida em várias de suas: “Cândido”, “O Dicionário Filosófico”, “A Escocesa”

Nos territórios germânicos, o café arraigou-se aos hábitos do povo alemão (que passou a ingeri-lo também misturado ao leite), a partir de 1670 e afirmou-se graças ao monopólio estatal que durou até a Guerra dos Sete Anos (1756-63), mas somente entre as classes mais abastadas. Em 1680, instalava-se em Hamburgo a primeira cafeteria alemã e em 1697, o Conselho da cidade de Leipzig, cidade natal de Bach, proibiu o “uso não autorizado de chá e café”.

Em 1725, época de grande proliferação de composições barrocas alemãs, havia em Leipzig nada menos do que oito Kafeehäuser. Nelas, pequenas orquestras apresentavam-se, unindo a música ao consumo da bebida. J.S. Bach, o maior músico de todos os tempos, é um consumidor contumaz do produto e até escreve obra – “Kaffekantate” - Cantata do Café: <http://www.youtube.com/watch?v=UudHMK0Tbuk>  
Legalize já: <http://www.youtube.com/watch?v=NkKt4emIZh4> -que faz sua apologia, numa época que seu uso era ainda visto com reservas. E veja-se que Bach é luterano, tido como austero, mas seduzido pelo café.

Na “Kaffeekantate” ou Cantata do Café, de 1732, Johann Sebastian Bach descreve o conflito entre um pai de costumes rígidos e sua filha entregue a nova mania de ingerir café três vezes ao dia! A obra, que tem hoje a catalogação BWV 211, foi encomendada a Bach por um homem conhecido como Zimmermann, dono de uma Kaffeehaus (cafeteria), em Leipzig, freqüentada pelo compositor e certamente por muitos músicos. O café, na ocasião, era praticamente uma novidade nos reinos alemães e seu

consumo combatido por setores da sociedade que acreditavam que o “veneno negro” tivesse a capacidade de causar histeria e esterilidade se ingerido pelas mulheres. *BRANCO, Celso. Cantata do Café – apologia do consumo de um produto proibido Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 6, Nº1, Rio, 2011 [ISSN 1981-3384] – [http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5530:cantata-do-cafe-apologia-do-consumo-de-um-produto-proibido&catid=210&Itemid=100076&lang=PT](http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5530:cantata-do-cafe-apologia-do-consumo-de-um-produto-proibido&catid=210&Itemid=100076&lang=PT)*

Hoje, o café é consumido livremente no mundo inteiro e suas virtudes são cada vez mais apregoadas. Cafés selecionados, de melhor qualidade e sabor refinado, sem qualquer amargor, são cada vez mais apreciados. São preferidos por consumidores mais exigentes que apreciam o prazer da bebida de qualidade mesmo com preços superiores. Isto estimula os produtores a se orientarem para cultivos controlados, desde o plantio, tratos culturais, colheita, secagem, beneficiamento e torrefação do grão, Aí obtêm grãos especiais que resultam numa bebida mais delicada, embora encorpada, com notas levemente adocicadas, Trata-se de um café 100% Arábica. O mais valorizado de todos eles é o ‘Café Sumatra, o mais caro do mundo, retratado no filme “Antes de Partir” que mostra um excêntrico milionário que aprecia um café muito especial e se admira quando descobre a sua origem: “Kopi Luwak “, de Sumatra. “Lá, onde os grãos são cultivados, existem os gatos de algalha. Esses gatos comem os grãos, ingerem e depois defecam. Os aldeões coletam e processam as fezes. É a combinação de grãos e sucos gástricos destes gatos que dá ao Kopi Luwak o sabor e aroma que são únicos”.

No Brasil, nosso equivalente é o “Café Jacu”, produzido no Espírito Santo. Ele é comido por uma ave da região, o jacu, que defeca a semente, que seca junto ao estrume acaba nos brindando com uma verdadeira relíquia gastronômica. Lamentavelmente, a maior parte do café jacu é exportada. Poucos lugares no país a oferecem. Em Porto Alegre, a cada visita que faço, vou ao Mercado Público, que me cobra dez reais pelo prazer de sorvê-lo. Em Brasília, o único lugar onde o encontro é no “Kitinete”, na 209 Sul. Hoje, distante desses dois lugares, contentar-me-ei com o velho e bom cafezinho da DOCEARTE, aqui de Torres.

A um tal prazer, somou-se recentemente, a convicção de que o café faz bem à saúde. Há alguns anos pesquisas demonstraram que ele continha uma substância que prevenia a cirrose.

Gostoso, relativamente barato, bom para a saúde, simbolicamente expressivo da modernidade, o café, pois merece nosso aplauso e merece ser celebrado no seu dia nacional.

*\*Paulo Timm é economista, mora em Torres, RG e em Brasília, DF.*

## LIGEIRA QUEDA

O Blog do Cesar Maia ressalta algo despercebido na pesquisa Ibope: uma ligeira piora na avaliação de Dilma. Isto estaria em contradição com sua performance excepcional como candidata à reeleição. Comparação com pesquisa Ibope de setembro: a Avaliação Dilma Ruim+Péssimo: Setembro 22%. Outubro 26%. Desaprovam Dilma: Setembro: 40%. Outubro 42%. Não Confiam em Dilma: Setembro: 43%. Outubro 46%. Paulo Timm postou no Facebook.



## ARTIGO DE PAULO TIMM: O TREM DE MINAS

O dia 21 de abril celebra a **Inconfidência Mineira**. Mas é Minas que me vem à cabeça. Minas, dizia Fernando Sabino, é um estado de espírito. Um espírito, como eles dizem, contrito, sábio, que emerge de qualquer conversinha de pé de ouvido na cozinha, o lugar mais importante da casa, ou em voz baixa na saída de igreja, ou mesmo em tom severo na mesa de botequim, ganha os contornos das montanhas e pervaga altaneiro por sobre todas as regiões do Estado: no ferro, no barro, no Triângulo e em cidades com nome evocativos como Pouso Alegre, Montes Claros, Sete Lagoas, Mar de Espanha, Poços de Caldas, Ouro Preto, Dolores de Indaiá e Juiz de Fora. Esta última é uma espécie de cidade-Estado elevada à República quando um de seus filhos mais nobres, Itamar Franco, virou Presidente da República (1992-94). Destaca-se na paisagem na direção do Rio de Janeiro:

“Em Minas, o juiz é de fora, os montes são claros, o horizonte é belo, o pouso é alegre, a flor é viçosa, o repouso é bom, a cachoeira é dourada, o córrego é novo, as lagoas são sete, o rio é manso, o mar é de Espanha, a espera é feliz, os corações são três, os poços são de caldas, a ponte é nova, as dolores são de indaiá e o ouro é preto ou branco, o... E o coração das montanhas pinga mel...” (Amanda Pompeu e Stenio Ribeiro de Souza)

Um tal estado de espírito, que uma frase simples tal como “Quem transporta, leva”, ganha “Importância”, como na numa crônica despretensiosa de Elza Beatriz de Araujo, com este título. Revela a alma mineira. Ou a definição inteligente de saudade, de uma anônima prostituta do Bel’ Zonte: “Quem inventou a distância não conhecia a saudade”... Ou este papo da leiteria:

*-É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?*

*-Sei dizer não senhor: Não tomo café, responde o dono da LEITERIA.*

*-Você é dono do café, não sabe dizer?*

*-Ninguém tem reclamado dele não senhor.  
-Então me dá café com leite, pão e manteiga.  
-Café com leite, só se for sem leite...*

(Fernando Sabino -Conversinha mineira)

Um espírito sutil, guardado em cristaleiras do tempo antigo, ao lado de vidros bem fechados cheios doces de todo o tipo, cujos nomes e receitas Pedro Nava, um dos seus maiores memorialistas, que bem sabia, no gênero, combinar a objetividade dos registros históricos com a ficção, imortalizou em “Baú de Ossos”:

E que doces... Os de coco e todas as variedades, como a cocada preta e a cocada branca, a cocada ralada ou em fita, a açúcarada no tacho, a seca ao sol. Baba-de-moça, quindim, pudim de coco. Compota de goiaba branca ou vermelha, como orelhas em calda. De pêsego maduro ou verde cujo caroço era como um espadarte no céu-da-boca. De abacaxi, cor de ouro; de figo, cor de musgo; de banana, cor de granada; de laranja, de cidra, de jaca, de ameixa, de marmelo, de manga, de cajá-mirim, jenipapo, turanja. De carambola, derramando estrelas nos pratos. De mamão maduro, de mamão verde – cortado em tiras ou passado na raspa. Tudo isto podia apresentar-se cristalizado – seco por fora, macio por dentro e tendo um núcleo de açúcar quase líquido.

Mais. Abóbora, batata roxa, batata doce em pasta vidrada ou pasta seca. Calda grossa de jamelão, amora, framboesa, araçá, abricó, pequiá, jaboticaba. Canjica de milho-verde tremendo como seio de moça e geléia de mocotó rebolando como bunda de negra. Mocotó batido, em espuma que se solidifica – para comer frio. Pamonha na palha – para comer quente, queimando os dedos. Melado. Tudo isto variando de casa para casa, segundo os segredos de suas donas e as invenções de suas negras – se desdobrando em outros pratos, se multiplicando em novos. Dos aristocráticos, com receitas pedindo logo de saída trinta e seis gemas, aos populares, como o cuscuz (só fubá, só açúcar, só vapor d’água e tempo certo) e como a “plasta” de São João del Rei (só fubá, só rapadura, só amendoim e ponto exato) – que tem esse nome pelo seu aspecto de bosta de boi, do emplastro que forma no tabuleiro quando cai da colher de pau.

Milton Nascimento, porém, preferiria dizer: – Minas é pura emoção, pôxa! E desfiaria em canto andrógeno esta rede de sentimentos, imagens, sons:

## **OS TAMBORES DE MINAS**

*Era um, era dois, era cem  
Mil tambores e as vozes do além  
Morro velho, senzala, casa cheia  
Repinica, rebate, revolteia  
E trovão no céu é candeia  
Era bumbo, era surdo e era caixa*

*Meia-volta e mais volta e meia  
Pocotó, trem de ferro e uma luz  
Procissão, chão de flores e Jesus  
Bate forte até sangrar a mão  
E batendo pelos que se foram  
Ou batendo pelos que voltaram  
Os tambores de Minas soarão  
Seus tambores nunca se calaram  
Era couro batendo e era lata  
Era um sino com a nota exata  
Pé no chão e as cadeiras da mulata  
E o futuro nas mãos do menino  
Batucando por fé e destino  
Bate roupa em riacho a lavadeira  
Ritmando de qualquer maneira  
E por fim o tambor da musculatura  
O tum-tum ancestral do coração  
Quando chega a febre ninguém segura  
Bate forte até sangrar a mão  
Os tambores de Minas soarão  
Seus tambores nunca se calaram  
Os tambores de Minas soarão  
Seus tambores nunca se calaram  
Seus tambores..*

Já Guimarães Rosa, pela boca de Riobaldo, acrescentaria: É aquele lugar em que , de repente, a alegria acontece, distraída, com o poder de um relâmpago, numa roda de amigos. Alegria lá é assim mesmo, só entre amigos, nunca na vitrine como mercadoria para turista. E amizade , também não é mercadoria que se compra e se vende. É um tecido cujo fio foi plantado em roça de gente conhecida, fiado e tecido em teares artesanais fartos na região, mas invisíveis ao passante , tudo levado à medida certa pro terno de domingo. Pois que amizade é como ouro em pó, como o próprio segredo da terra, como o silêncio das entrelinhas. Mesmo assim a alegria é sempre discreta, regada pela prudência , envolta pelos riscos da delação. Sim, porque tudo em Minas é silêncio que grita. Clamor que sufoca, resquício da Grande Conspiração.

Difícil será entreter esse homem discreto e confiante, tirá-lo dos trilhos ou comprá-lo com meia dúzia de sorrisos e promessas.(...) Coisa terrível isso de um homem que transporta o seu segredo e sabe que se o colocasse em qualquer mão, ela arderia como a carne em brasa.Nada mais compacto e escorregadio que um homem e seu segredo.(Affonso Romano de Sant’Anna – Um homem e seu segredo, Contos Mineiros, Atica, 1984).

Para mim, Minas é a Esquina mítica em que todo o brasileiro se sente em casa. Talvez porque foi lá que o Brasil começou, no século XVIII, a ser realmente o que o país viria a ser. E em o sendo, desceu a Estrada Real, atravessou o Atlântico e se globalizou precocemente. Deveria ter sido capital do país, porque foi sempre seu norte. Assim o quiseram, desde cedo, os que defenderam a transferência da capital para o interior e por essa tese pugnou Juscelino Kubitschek na liderança da bancada do seu Estado na Constituinte de 46. O Relatório Lucas Lopes pretendia fincar a Nova Capital no Triângulo sob a tese de que, lá, já havia uma região à espera de uma cidade. Era mais sensato. E original, pois foi em Minas que começamos a germinar brasilidade com determinação, quando “brasileiro” era ainda denominação pejorativa. Naquela época, poucas cidades do mundo tinham o esplendor de Ouro Preto, a riqueza de sua arte sacra, a rima de sua lira que ecoaria por quilômetros de serenatas. Isso deu ao mineiro um toque cosmopolita, que jamais se confundiria com o revestimento mundano do bovarismo. O mineiro vai a passos roucos de bico fino rumo à Máquina do Mundo:

E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um sino rouco se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas lentamente se fossem diluindo na escuridão maior, vinda dos montes e de meu próprio ser desenganado, a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia ( Carlos Drummond de Andrade – A máquina do mundo)

Foi assim com a geração de Drummond, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Pedro Nava, o próprio Guimarães e vários outros, na terceira década do século passado, quando seguiram os rastros de Gustavo Capanema na direção do Rio de Janeiro de Getúlio Vargas. Eles carregavam consigo os fantasmas das Gerais, que remodelariam a linguagem nacional, seu verso e seu verbo:

Gonésio e Mariazita a meios olhos perante o refulgir por todo o branco. Acontecia o não fato, o não tempo. Silêncio e sua imaginação. Só um e outro, uma em si juntos. O viver em ponto sem parar. Coração-mente. Pensamento. Avançam parados dentro da luz. Com se fosse no dia de todos os pássaros...

Este viver-em-ponto de que fala Guimarães é a essência de Minas. Ponto do doce, ponto de dizer a coisa guardada no peito, ponto de entrar em cena e dizer, mesmo sem dizer, que quer comprar aquela curraleira; ponto de dizer “nunca mais” à inconveniência.

“O silêncio,

Língua que melhor falo. ((Anderson Braga Horta, poeta – Fragmentos da Paixão)  
Lá, ninguém vive em ilusão, como na Bahia, que celebra a cada dia a cerimônia pânica de sua confusão em acordes de Axé. Nada disso! A menos, claro, que a ilusão seja a própria vivência... O que é possível. Mas só vendo. Mineiro tem que ver para crer. E mesmo vendo, gosta de comprovar pelo testemunho de alguém da sua confiança. Aí é diferente. Diz ele, ainda que desconfiado: “Nesse mundão de Deus,

tudo pode acontecer”. Está aí Chica de Silva, para comprová-lo. Bela negra escrava convertida em dama da corte pelo destemor de seu amante. E houve vários casos de escravos auto-alforriados pelo ouro que escondiam nas carapinhas e que os tornava ricos. Estas sombras miraculosas e inacreditáveis encarnam na gente e nos acompanham, como o passado, pelo resto da vida. Porque em Minas, o tempo parou no instante em que uma ave negra riscou os céus e pousou agourenta num telhado de Ouro Preto marcando a decadência da mineração. Tudo é memorialismo no qual fatos se misturam com a imaginação: As velhas cidades com seus casarões escorados, suas sacro-santas igrejas, os doze apóstolos atestando a presença de Aleijadinho, os passos do Padre Toledo em Tiradentes, a Inconfidência, JK, a agonia de Tancredo Neves.

Ao regressar ao Rio, sentimos que alguma coisa nos acompanha: alguma coisa feita de ar e imaginação, que não é propriamente um fantasma, mas o espírito de Minas a impregnar-nos de passado e de eternidade. (Fernando Sabino – Fantasmas de Minas)

Mas se o mineiro finca pé em casa, como os grandes músicos da atual geração, desde Milton Nascimento, passando pelas Bandas Skank, J. Quest, Renegado e também outros, surpreende pela capacidade de se projetar a partir de si mesmos, livre dos artifícios do Eixo Rio-S.Paulo. Serão sempre identificados como “mineiros”, diferentemente do que acontece em outras regiões do Brasil, nas quais artistas e intelectuais são obrigados a migrar para o centro do país em busca da realização profissional, dissolvendo-se neste processo. Quando exitosos, tantos foram anos fora das raízes que já pouco se identificam com suas origens. Gonzagão é uma exceção. Foi para o Sul e voltou mais nordestino do que quando saiu. Incorporou o baião sincopado na farta musicalidade nacional. Mesmo assim, fixou-se no eixo Rio-S.Paulo, como fizeram Fafá de Belém, os Novos Baianos durante décadas e tantos outros. Quem diria, por exemplo, que Elis Regina era gaúcha...? Duvido que sua filha saiba o que significa “Alto da Bronze”, onde a Pimentinha – et pour cause! – nasceu e morava, em Porto Alegre, ao lado da minha casa, título de uma de suas primeiras músicas.

Minas, enfim, é sempre grandeza, mas uma grandeza misteriosa, feita de queijo e mel, escondida entre sacristias e desvãos de montanhas vastas. Donos de Bancos lá, dizia-se, guardavam dinheiro debaixo do colchão. Coisa difícil de compreender para quem nunca a visitou...Aliás, Você já foi à Minas? Então vá...!

\* Paulo Timm é economista. Transcrito da COLUNA DO TIMM.

## PAULO TIMM: REFLEXÕES SOBRE A RENÚNCIA DE BENTO XVI.



Tomás de Aquino sou; está-me vizinho / À destra de Colónia o grande Alberto / A quem de aluno e irmão devo o carinho. // Se do mais todos ser desejas certo, / Na santa c'roa atenta cuidadoso, / A tua vista a voz me siga perto.

(Dante Alighieri, A Divina Comédia, Canto X, 97 – 102).

Logo, na Carta Apostólica “Tertio millennio adveniente” (1994), o Papa João Paulo II convidou a Igreja a “um irrenunciável exame de consciência, que deve envolver todas as componentes da Igreja, [e que] não pode deixar de haver a pergunta: quanto da mensagem conciliar passou para a vida, as instituições e o estilo da Igreja?”.[6]

(Wikipedia)

“A igreja não deve tomar nas mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível. Não deve tomar o lugar do Estado. Mas também não pode ficar à margem na luta pela Justiça.”

(Papa Bento XVI)

Não há como escapar: A renúncia do Papa Bento XVI ocupou as manchetes no mundo inteiro. Impôs-se e sobreviveu ao carnaval.. Até mesmo os céticos, que a princípio viram na repetição da notícia um certo tédio, logo mudaram de opinião. Marco Aurélio Nogueira, um deles, meu amigo do Face, foi mais longe: retratou-se. E acrescentou no dia seguinte ao da proclamada renúncia:

Se, nesse ano da graça de 2013, um papa quebra essa lógica, esse ritual, é porque há algo no céu além dos aviões de carreira. Pessoalmente, acho que todo mundo tem o direito de renunciar e por isso aplaudo sua ex-santidade. O problema é que quando um papa faz isso ele está mexendo com forças poderosas. Está na verdade sinalizando duas coisas que precisam ser consideradas:

1. Os papas já não estão mais tão próximos de Deus. Suas fraquezas não são mais compensadas.
2. A Igreja já não é mais (se é que alguma vez foi) um santuário imune aos humores humanos e aos tempos sociais. Tornou-se categoricamente uma empresa, em que o CEO pode ser mais ou menos conveniente, etc. A renúncia atual dramatiza isso.

Com efeito, inúmeras análises, no mundo inteiro apontaram essas e outras razões da renúncia de Bento XVI, chamado “O Inquisidor”, pelo seu papel durante 24 anos à frente do Congregação da Doutrina da Fé –

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o para a Doutrina da Fé](http://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_para_a_Doutrina_da_F%C3%A9) -, na qual pontificou, em Roma, pela rigidez de suas posições doutrinárias.

Esquecem-se de dizer que tudo o que fez foi em nome do Sumo Pontífice, a quem servia, o midiático porém tradicionalista João Paulo II.

A verdade é que Bento XVI passará para a História como o continuador, tanto de João Paulo II como dos que o precederam, até João XXIII, falecido em 1963, marcando o contraponto do aggiornamento da Igreja de Roma à Modernidade: Um retrocesso, em defesa da Tradição. Surpreendentemente, porém, todos eles, sem exceção, e particularmente Bento XVI estão muito distantes do fundamentalismo religioso.

Lembre-se que sua declaração mais polêmica, tomada como um libelo contra o Islam, feria, precisamente, a incapacidade desta religião em compatibilizar a razão e a fé.

Na verdade, a Igreja Católica, mesmo sendo um dos ramos do monoteísmo, cedo demonstrou uma inédita capacidade para compatibilizar suas crenças e dogmas com a Filosofia, aqui tomada no sentido ocidental da palavra, como pioneira da Ciência e não apenas regras de conduta moral. Isto porque se consolidou como doutrina no coração e no auge do Império Romano, quando o helenismo já se consagrara como cultura e que as próprias ilhas gregas já há tempo haviam sido incorporadas à Roma (147 AC) E pelo fato de que acabou, com Constantino, incorporada ao Império, adotando-lhe vícios e virtudes. E em que consistia o helenismo, tão rechaçado pelos hebreus e, logo depois, os árabes? Muitas coisas, como sublinharam A.Toynbee no seu clássico “O Helenismo” e Miguel Spinelli, em “Helenização e Recriação de Sentidos. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo – Séculos, II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2003”, mas nas quais se destaca a incansável tentativa de fazer da vida uma reprodução sensível da natureza e que veio a se refletir na arte, na Política e na nascente Filosofia. Designa-se por período helenístico (do grego, hellenizein – “falar grego”, “viver como os gregos”) o período da história da Grécia e de parte do Oriente Médio compreendido entre a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e a anexação da península grega e ilhas por Roma em 146 a.C.. Caracterizou-se pela difusão da civilização grega numa vasta área que se estendia do mar Mediterrâneo oriental à Ásia Central. De modo geral, o helenismo foi a concretização de um ideal de Alexandre: o de levar e difundir a cultura grega aos territórios que conquistava. Foi naquele período que as ciências particulares tiveram seu primeiro e grande desenvolvimento. Foi o tempo de Euclides e Arquimedes. O helenismo marcou um período de transição para o domínio e apogeu de Roma.

Com efeito, há um casamento entre a cultura helênica e a fé cristã que fará com que a Igreja de Roma procure, sempre, na Filosofia Clássica, de Platão e Aristóteles, um fundamento teológico consistente, mais além das práticas e ritos da religião. Este não é, nem nunca foi ou será, um caminho reto, mas marcado pelas vacilações, retrocessos e contradições, principalmente depois da institucionalização da Igreja por

Constantino e seus intentos de fazer da fé católica o fundamento moral do Grande Império. Às vezes os avanços se dão no campo da doutrina. Outras, no campo dos ofícios. Outras, conjugados nos famosos Concílios, como o de Nicéia, em 325 DC, sob a orientação de Constantino, soberano em Constantinopla, onde sediou-se o sínodo; o de Trento (1545-1563) e o do Vaticano II (1961-1965).

Doutrinariamente, dois grandes nomes resplandecem no catolicismo: Santo Agostinho (354-430), no Século IV, que consubstanciará o longo reinado espiritual da Igreja na Idade Média, e Santo Tomaz de Aquino (1225-1274), que dá os primeiros passos à adequação da doutrina aos tempos modernos que se anunciam, vindo a ser aceito como doutrina oficial da Igreja pelo Papa Leão XIII, no século XIX, bem evidenciando a lentidão do processo de adaptação da Igreja à Modernidade:

Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na Escolástica anterior, compaginou um e outro, de forma a obter uma sólida base filosófica para a teologia e retificando o materialismo de Aristóteles. Em suas duas summae, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: a Summa theologiae e a Summa contra gentiles.

A partir dele, a Igreja tem uma Teologia (fundada na revelação) e uma Filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão, unidas em sua orientação comum rumo a Deus. Sustentou que a filosofia não pode ser substituída pela teologia e que ambas não se opõem. Afirmou que não pode haver contradição entre fé e razão.

Mas tanto Santo Agostinho, como Santo Tomaz, dois grandes intelectuais da Igreja, ficaram distantes dos Ofícios. Tiveram tempo e, talvez, mais liberdade, para suas elucubrações teológicas.

Bento XVI tem o perfil deles e até se diz que sua obra deverá ser melhor absorvida quando lida, tal como o foram suas conferências em Roma, sempre mais assistidas do que suas bênçãos. É um intelectual respeitável, embora conservador. Poderia ter sido um grande reformador da Doutrina da Igreja, à luz das grandes transformações dos últimos séculos e dos costumes nas últimas décadas. A Igreja de Roma necessita urgentemente de um grande filósofo, ou perecerá para o fundamentalismo elementar, ao qual o “evangelismo” contemporâneo vai se ajustando, por ignorância ou mero interesse. Mas, voluntária ou involuntariamente, Bento XVI foi guindado ao Vaticano e da cadeira de Pedro jamais conseguiria realizar tal obra. Isto é obra para quem está longe do Poder... Quem sabe, agora, ao final de seus anos e no recolhimento a que se dedicará não poderá, ainda, cumprir o algum papel? Quem sabe, até, não estaria aí o segredo de sua renúncia, tão surpreendente.

\* PauloTimm, perfil no Facebook: Economista. Interesse na conjuntura política e econômica. Literatura e Cinema. Filosofia e Cultura. História. Brasília. Moira em Tirres, no Rio Grande do SUL, ALTERNASDO com Covilhã, Portugal. Raras passagens por Brasília. Na última, escrevi este artigo.,

## PAULO TIMM:JULGAMENTO EM BASES NAZISTAS? COMENTÁRIOS À NOTA DO PT.

Postado em 16 de novembro de 2012 por Leonardo Mota Neto

Em 15 de novembro de 2012 10:12, Miguel Pinto <miguel.thinktank@gmail.com> escreveu:

Vou dizer uma coisa sobre essa mobilização.

Segundo pesquisa 56% da população acredita no poder judiciário. Apenas 22% confia nos partidos políticos. 72% das pessoas não acredita em partidos políticos. E o motivo dessa desconfiança toda é porque o brasileiro em geral tem CERTEZA que os partidos políticos são cheios de corruptos. Não é uma questão de dúvida...é certeza...ele se ACOSTUMOU com a corrupção e já acha que tanto faz o partido que vai se eleger...ele vai roubar.

Então quando o PT, que é um partido político, critica o supremo tribunal federal, a mais alta corte do Brasil..por ter condenado pessoas por corrupção...você acham que a população em geral vai acreditar em quem? No chiado do PT ou na mais alta corte do país?

No Facebook, que não é um meio de mídia de fácil manipulação, o Ministro Joaquim Barbosa está sendo tratado como o Batman brasileiro. Não importa o que o PT diga...ele é taxado como mais um partido corrupto como os demais, só que o partido corrupto que trouxe melhorias a população e entre votar em um partido corrupto que fez menos e um que fez mais, a população nas urnas vota no PT. Querer brigar com o supremo dizendo que o escândalo do mensalão não existiu é besteira. Querer convencer a população que o PT não é corrupto como os demais é besteira. Pode até não ter ocorrido mensalão mas tenho certeza que se for perguntado a população se o mensalão existiu, a resposta geral é "Claro que sim...são todos corruptos."

É triste dizer isso...mas o país já considera a corrupção parte da vida política. A população já generaliza que todos os políticos são corruptos de natureza. Quando começou o julgamento, as pessoas achavam que ia dar pizza, e agora estão felizes de ver os condenados serem presos com penas duras. E não é porque foi o PT. Teriam ficado felizes do mesmo jeito se fosse os dirigentes do PSDB. Não é reação contra o PT é uma reação contra a corrupção. E o Supremo sai dessa historia fortalecido.

*\*Tenho evitado entrar nesse assunto MENSALÃO. Mas diante do que vem se sucedente a aproveitando os artigos abaixo, minha impressão é que o PT, com ou sem razão, está se suicidando politicamente. Perdeu definitivamente a classe média, depois de ter perdido o próprio chame como um Partido diferente. E vai lutar para*

*manter sua influência a reboque do forte carisma do Lula, disputando aqui e acolá com outros Partidos e lideranças.*

*Paulo Timm*

## 1961: ILUSÃO E ETERNIDADE,

Como dizia Gilberto Amado:

**” Dura um segundo uma ilusão e dura a eternidade uma saudade.**

O ano de 1961 foi, certamente, um dos mais importantes do século XX. Ali começava a turbulenta década que mudaria o mundo e ali começava a agonizar o breve século . Passada a tempestade, John Lennon proclamaria solenemente, em 1971 : “O sonho acabou!”. Mas quando espoucaram os champanhes no Reveillon que abriu o ano, ninguém advertia para a profundidade dos acontecimentos que iriam se suceder nos próximos meses. Ele ainda estava inserido num mundo que tinha a pele branca, pernas femininas bem torneadas e olhos incrivelmente azuis (...), muito embora, no tabernáculo desta iconografia, os negros ainda fossem discriminados até que um certo pastor chamado Martin Luther King os convocasse para o sonho dos direitos iguais que culminou na Grande Marcha de 28 de agosto de 1963.

Havia, por certo, a tensão internacional da Guerra Fria e os primeiros sinais apontados pela explosão das bombas nucleares sobre o Japão de que a humanidade enveredara por um sinistro e irreversível caminho de auto-destruição. Mas ainda se vivia mais sob os impactos positivos do fim da II Guerra Mundial, com a vitória sobre o nazi-fascismo e uma retumbante retomada do crescimento industrial com sua parafernália de utensílios domésticos e elegantes automóveis rabo-de-peixe, universalmente disseminados pelo american way of life preconizado nas películas hollywoodianas, do que pela sombra dos caracóis... A posse do Presidente John Fitzgerald Kennedy nos Estados Unidos a 20 de janeiro era o símbolo de promessas de continuidade de uma Era de Paz e Prosperidade. E a escolha do Oscar daquele ano para *Se Meu Apartamento Falasse*, de Billy Wilder, uma contagiante comédia com Marilyn Monroe, comprova o ingênuo despertar da década. Uma tímida banda , desconhecida, The Beatles, no dia 9 de fevereiro, fez seu primeiro show no Cavern Club, o clube de rock em Liverpool, para onde se refugiava este estilo de música frenética da juventude rebelde, tão retumbante no final da década anterior mas já em retirada nos Estados Unidos. A convocação de Elvis Presley para o exército, em 1958, deixara uma lacuna sobre a qual voltavam a brilhar as big-bands e os grandes cantores como Sinatra e Tony Bennet.

Um filósofo, porém, Arthur Kostler ([http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional\\_filosofia2.php?id=1514](http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional_filosofia2.php?id=1514)), já falava em contagem regressiva rumo ao holocausto e seria um dos precursores do estado de espírito francamente pessimista que acabou empolgando o fim do século ( No Rio Grande do Sul, só o Pilla Vares sabia da existência dele àquelas alturas...). Um poeta romântico – Vinicius de Moraes – cantava “ Rosa de Hiroshima “, mas sem qualquer evocação niilista Eles eram

pontuais. O otimismo do início do século era a constante. Mas sob as águas aparentemente calmas fervilhavam tensões.

No Brasil, havíamos saído dos Anos Dourados, de JK, nos quais o país respirou, como nunca dantes, os ares da liberdade, do desenvolvimento e da esperança encarnada na construção em três anos e meio da Nova Capital, meta-síntese do Plano de Metas e símbolo da posse do território nacional com o engenho e arte de uma geração moderna e empreendedora: Brasília. As artes reverberavam esse clima de euforia através da explosão do cinema novo, da bossa-nova, do teatro, mas a consagração da Noite do Meu Bem, de Dolores Durán ([http://www.youtube.com/watch?v=LgLrS\\_DNMwk](http://www.youtube.com/watch?v=LgLrS_DNMwk)), naquele ano, traía o predomínio do romantismo na nossa cultura.

A polarização dos dois grandes blocos – ocidental e soviético – já vinha insinuando-se, porém, por toda a parte. A descolonização realinhava alianças, abria espaços novos para a emergência de ideais nacionalistas em várias partes do mundo, particularmente no Egito, com Gamal A. Nasser, no Irã, com Mussadegh, e em vários países da América Latina como Colômbia, Guatemala, Argentina e Brasil, levando aos primeiros atritos com os interesses hegemônicos americanos. Getúlio Vargas sucumbira no Brasil à sanha dos interesses internacionais em 1954. Mas a mesma crise, apenas postergada pelo Governo JK, iria eclodir com veemência ao longo daquele ano reverberando no Brasil, com epicentro no Rio Grande do Sul.

No dia 13 de agosto, o Governo alemão oriental iniciou a construção, sob o espanto do resto do mundo, do Muro de Berlim, como uma metáfora letal da divisão dos dois grandes blocos. Em 15 de Fevereiro haviam sido criadas as Forças Armadas de Libertação do Vietname do Sul, que sustentariam a expansão do Vietname comunista a todo o território daquele país, levando à escalada pelo controle daquela posição estratégica do mundo. A África dava curso à sua descolonização sob a égide de dois princípios consagrados pela ONU : (1) o direito à auto-determinação e (2) preservação do desenho geográfico colonial, mas deixava um rastro de sangue neste processo. As potências coloniais resistiam. Em 24 de Agosto – Guerra Colonial na serra de Canda (Angola), tem início uma operação conjunta, com aviação, pára-quedistas e forças terrestres com vistas a sufocar uma das guerras que se tornaria extremamente brutal ao longo do século XX. No mundo árabe a França ainda resiste à independência da Argélia, que só se consumará em 1962 ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_da\\_Arg%C3%A9lia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Arg%C3%A9lia)). Fruto destas tensões Patrice Lumumba, líder da independência do Zaire é assassinado a 17 de janeiro e Dag Hammarskjöld, Secretário Geral da ONU sucumbe em 18 de setembro.

A China, entretanto, permanecia impávida, misteriosa e silente. Só no final da década entraria em cena com sua Revolução Cultural.

O ano de 1961 dá a grande arrancada para a corrida espacial, cujos desdobramentos tecnológicos culminariam numa nova revolução industrial – eletro-eletrônica – rumo à sociedade do conhecimento e da globalização.

Gagarin sobrevoa a Terra, no mês de abril, por primeira vez, afirmando que ela é azul e vai para a capa da Revista Time. Alguns meses depois, a 6 de agosto de 1961, o segundo cosmonauta soviético, Gherman Titov, retorna ao espaço fazendo seu voo orbital com 17 voltas em torno da Terra, durante 25 horas e 18 minutos, a bordo da nave Vostok 2. Tudo sob o domínio do grande perigo vermelho: o comunismo soviético.

Isto provocou a imediata reação do Presidente J.F. Kennedy, empossado naquele ano, como uma promessa de retomada dos valores fundamentais americanos. Em discurso famoso na Casa Branca ele reage prometendo levar e trazer um homem à lua naquela década, dando um grande impulso à corrida espacial com o Projeto Apollo... Era a forma da Guerra Fria: Preparar-se para o confronto aeroespacial, “arrumando” o quintal das respectivas casas para o que se pensava inevitável.

E enquanto os russos reforçavam o controle sobre o Pacto de Varsóvia e levantavam o Muro de Berlim, os americanos olhavam com preocupação a escalada revolucionária comandada por Fidel Castro, em Cuba, vitoriosa em 01 de janeiro de 1960. Havia já rompido as relações com Cuba no início do ano e, então, afiam as garras para tentar eliminar este jovem líder através de uma desastrada invasão à ilha no dia 17 de Abril – Invasão à Baía dos Porcos. Não deu certo. Mas continuarão vigiando com olhos de falcão os desdobramentos políticos naquele país até descobrirem as instalações nucleares soviéticas lá apontadas para Washington, o que conduziria, um ano depois, à Crise dos Mísseis (1962). E estenderão seus longos braços sobre todo o continente para se certificar que estava tudo em ordem e sob controle.

O Brasil começara bem o ano, com a posse de Jânio Quadros, candidato de grande carisma, eleito pelas forças conservadoras contra o General Henrique Teixeira Lott, um abnegado legalista, sem muito apelo popular apoiado pelo PTB e PSD, uma espécie de PT/PMDB dos dias atuais. O Vice Presidente, porém, era votado independentemente do cabeça de chapa e resultou no paradoxo de pousar a preferência em João Goulart, do PTB, ex- Ministro do Trabalho de Vargas, pouco antes de seu suicídio, enquanto Jânio era da UDN. Mas Jânio surpreendia a cada dia seus próprios aliados, chegando mesmo a condecorar, em Brasília, o líder Che Guevara, além de um conjunto de outras medidas extravagantes como a preocupação com as rinhas de galo ou as vestes femininas. Em pouco tempo estava sem apoio no Congresso Nacional. E, denunciando forças ocultas, jamais reveladas, renuncia peremptoriamente no dia 25 de agosto de 1961 (<http://www.torres-rs.tv/site/pags/almanaque2.php?id=1409>). A Lei mandava o Vice João Goulart, então em viagem à China assumir. As tensões internas explodem e os militares pró-americanos tentam evitar a posse de Jango sob o pretexto de que este

poderia aprofundar e até aliar-se ao bloco comunista. No vácuo de poder em Brasília, instala-se o golpismo.

Leonel Brizola, jovem e progressista Governador do Rio Grande do Sul, do mesmo Partido de Jango – o PTB –, percebe a manobra conservadora e se insurge em defesa da Lei. Em pouco tempo certifica-se de alianças no Estado e proclama, do Piratini, o Movimento em Defesa de Legalidade, um dos mais importantes momentos da história política do Brasil.

Não vou me estender sobre as características e projeções da “Legalidade”. Aos mais interessados sugiro uma olhada na coletânea LEGALIDADE 50

ANOS: <http://www.torres->

[rs.tv/site/downloads/lib/pastaup/Paulo\\_Timm/110624033756LEGALIDADE%2050%20ANOS.pdf](http://www.torres-rs.tv/site/downloads/lib/pastaup/Paulo_Timm/110624033756LEGALIDADE%2050%20ANOS.pdf) . Mas vou contar um pequeno episódio que ocorreu comigo, naqueles dias, para transmitir um pouco do sentimento que ela provocou na sociedade.

Tinha eu, na época, 16 anos e estava na Escola Preparatória de Cadetes, hoje Colégio Militar, na Redenção. Era já um portoalegrino assimilado, pois chegara em Porto Alegre em 1955 e passara pelo Ginásio no Colégio Julio de Castilhos, uma verdadeira escola de quadros republicanos com grande efervescência política. Muito precoce, freqüentava, com desenvoltura, todos os recantos tanto da boa como da sutil sociedade local, descendo do Alto de Bronze para os baixios cercanos ao porto, ao cadeião do gasômetro e à Pantaleão Teles com a mesma naturalidade como entrava nas rasas águas do Guaíba, ao fundo das Ruas Riachuelo e Duque. Curioso e atrevido, até para a época, viajava de carona nos trens “noturnos” para Santa Maria e amanhecia na casa da minha avó para tomar café. Ia e voltava, toda hora...Lá estava, aliás, quando soube de minha aprovação na Escola de Cadetes e apressei-me, no início de 60, para vir de volta de uma destas férias, junto com Santini, Pavani, José Carlos Codevilla Pinheiro e Bolhovar para trilhar a carreira das armas. Em 1961 sentia-me senhor de mim e do meu mundo, que ia do Alto da Bronze até o Rio da Prata, que já visitara várias vezes, em excursão com os colegas do Julinho, todos nós liderados por João Alberto Pratini de Moraes, de quem eu era fiel escudeiro. Ali, do outro lado da fronteira, esticando até Montevideo, Colonia e Buenos Aires. Daí sentir-me, até hoje, gaúcho pelo amor ao pampa sem cercas, pela aventura sem nenhum medo e pelo travo amargo do chimarrão arranhando a madrugada...

Pegou-me a Legalidade ali no casarão militar, já veterano.

Pouco depois da cerimônia do Juramento à Bandeira, no dia 25 de agosto de 1961, havia recebido o pequeno soldo a que fazíamos jus, além de tudo o que já tínhamos de graça: elevado nível educacional, alojamento, disciplina, noções básicas de civilidade e patriotismo e me preparava, junto com Rosés, para uma jornada de bailes e grossas farras na cidade. Minha função, então, era de assessor de assuntos sociais, encarregado de conseguir convites que fôssemos pares em aniversários de 15 anos por

toda a cidade ou em algum baile de debutante. O que me faltava em garbo militar, sobrava-me em jeito como “macetoso” – um cara que sabia de tudo- ... Lá íamos nós, pois, em alvo traje de gala militar, com botões dourados, sonhar o sonho da juventude. Fazia frio naquele dia, mas me lembro que havia sol. A noite prometia. Mas logo começou um corre-corre e se soube da renúncia inesperada de Janio Quadros. Fim dos grandes planos para a noitada. Todo mundo de prontidão. Éramos militares. Por todos os desvãos viam-se oficiais tensos, enquanto nós, até então mergulhados em devaneios, procurávamos nos inteirar de tudo o que acontecia.

O universo militar em 1961 refletia o mundo do pós-guerra, embora os oficiais da tropa, que comandavam as Companhias – havia três na EPPA, cada uma com cerca de 120 cadetes – , fossem severamente anti-comunistas e pródigos em suas preleções, como o famoso Capitão “Brocoió”. Outros, porém, como o Capitão Púglia, quem revi em Brasília muitas vezes, décadas mais tarde, onde veio a falecer, eram mais abertos e procuravam dar mais lições de patriotismo do que de ideologia. Púglia tinha feito a II Guerra, na FEB e isto, no Exército, fazia toda a diferença... Já os oficiais professores, intelectualizados e articulados com a vida civil, eram muito divididos em suas preferências políticas, mas não era raro ouvir palavras de simpatia ao nacionalismo. Raras ao socialismo. Sob tais influências, nós, cadetes, nos dividíamos. A grande parte era conservadora, como sói nas casernas de qualquer parte do mundo, mas já apareciam vozes dissonantes. Eu, honestamente, preferia as festas...

Então, numa daquelas noites, começaram a chegar oficiais de outras guarnições presos e confinados a algumas das salas de aula e pela manhã os sacos de areia começaram a ser empilhados `a entrada principal do casarão. A guarda foi reforçada, as preleções elevavam o tom e éramos informados de que o país estava à beira da guerra civil, com o Governador Brizola comandando uma rebelião contra a vontade do Alto Comando Militar que não desejava a posse de Jango na vaga deixado por Jânio. Nós, da Escola de Cadetes, como estabelecimento de Ensino Militar, éramos subordinados diretamente ao Rio de Janeiro, e aguardávamos instruções sobre qual seria a posição do III Exército, no tocante ao Movimento da Legalidade, e sobre a Direção de Ensino Militar, no Rio. Veio, primeiro, a informação de que o III Exército: apoiara Brizola. Depois, um ou dois dias, quando ficamos extremamente vulneráveis do ponto de vista militar, visto dispormos de um ínfimo poder de fogo sob ação de meninos com pouca experiência militar, veio o pronunciamento do Comandante Cel. João de Deus: “A Escola Preparatória de Porto Alegre, um dos centros mais tradicionais de formação militar do Brasil, passa a subordinar-se ao III Exército, está pela posse legal do Presidente Goulart, na forma da Constituição, sob o comando do Governador Leonel Brizola e passamos a nos constituir em soldados da Legalidade”.

A partir daí a Escola movimentou-se mais ainda. Jeeps carregados de oficiais presos por não aderirem à Legalidade, chegavam a cada momento e nós mergulhávamos na defesa de pontos importantes do estabelecimento e cercanias. A mim coube a guarda

de um canhão anti-aéreo que se postara junto ao monumento do Expedicionário, na Redenção, precisamente para proteger a EPPA em caso de ataque aéreo. A prontidão era severa e ninguém podia sair, sob qualquer pretexto. Um clima de guerra reinava por todos os lados. Assim permanecemos, tensos vários dias, passando dia e noite dormindo em “uniformes de instrução” e bursiguins postos, prontos para qualquer emergência. Nesse ambiente, claro, as conversas entre nós, se aprofundavam e procurávamos entender o que era tudo aquilo: nacionalismo, legalismo, democracia, comunismo, socialismo, um conjunto de palavras que até então tinham um significado muito distante, quase inacessível, para todos nós, muito jovens.

Um belo dia, sentiu-se que o clima de tensão começou a diminuir. Não sabíamos exatamente o porquê, mas sentia-se no ar um certo relaxamento da prontidão. -Tanto melhor, pensava eu. Vou voltar às minhas festas no Moinhos de Vento, onde a comida era boa e a cuba-libre, esta bem conhecida, farta...Mas continuávamos de prontidão. Até que veio nova ordem: “Aqueles que tiverem casa em Porto Alegre, têm três horas para ir a voltar. CORRENDO...!!!! Mas sem trocar de farda. Saiam com uniforme de instrução”. Era meu caso, morava ali perto, na José do Patrocínio, perto da Borges, um pulo. – Mas com uniforme de instrução? Estamos mesmo em guerra, pois isso nunca acontecera antes. Essa era uma roupa de serviço, que, para o militar, é a guerra... Mas, inteirei-me bem da ordem, já havia saído da guarda do canhão e entregado o fuzil e me pus a caminho de casa, sem pensar muito na vida, a não ser que comeria, algumas guloseimas domésticas da Dona Amélia, veria a vizinha de cabelos negros e olhos verdes da esquina, veria o Pelé, engraxate na Praça Daltro Filho, passaria defronte o Cine Marabá pra ver o que estava passando, daria um ou outro telefonema para o Jorge Marino, da Duque, amigo fraterno, que me transmitia as dicas das festas e voltaria para o quartel. Contornei o quarteirão, compassadamente, com aquelas botinas me encorpando o passo, o cinturão cheio de porta-trecos, onde se metiam as balas e se penduravam outros artefatos de guerra, capacete maiúsculo dançando sobre a cabeça raspada e miúda, corpo franzino com 44 kg distribuídos em insignificante 1:60 m de altura – eu, com Roberto Leivas, de Pelotas, éramos o cerra-fila nas formações, um disputando com o outro o troféu de mais baixo – , e fui, “retórico e despido (de qualquer pretensão) a caminho de mim, até a parada da Venâncio Aires, por onde passava o bonde GASÔMETRO, que me levaria até em casa. Cheguei ali, despreocupado de tudo, junto com outras pessoas que também aguardavam o bonde e que me fitavam atentamente, mas não reparei muito. Em pouco tempo, lá vem o bonde, sacolejando e emitindo aqueles ruídos infernais do ferro contra ferro dos trilhos com as rodas.

Aprontei-me um pouco, sempre desajeitado naquele uniforme e naquele imenso capacete – Por que não fazem capacetes numerados, como os chapéus? dizia-me a contragosto. Chegou o bonde, subiram todos, eu por último, educadamente. Ele estava cheio mas não apinhado. Subi os degraus, calmamente e quando aportei à

cabine todos me olharam de cima abaixo. E não tiravam os olhos. Senti-me ligeiramente ridículo. “Que passa?”, pensei rápido. De uma hora para outra, porém, fui percebendo que me olhavam, olhavam, olhavam... e começavam a bater palmas. Batiam freneticamente. Batiam tão completamente e me olhavam tão espantados e encantados que eu fui tomado por um sentimento súbito de orgulho de mim mesmo. Agradei com suavidade, sorri um pouco, ganhei mais olhares ainda de simpatia. Súbito, aquela coisa já tinha acontecido. Era o povo aplaudindo um menino de 16 anos, em uniforme de guerra, soldado da Legalidade, pronto para morrer por uma boa causa. Fiz-me cidadão naquele momento. Entendi tudo o que jamais tinha entendido direito. Não abandonaria as festas de uma hora para outra. Era muito jovem. Tinha um mundão pela frente. Mas chamaria Brizola de “Comandante” até o final de sua vida, em 2004, vindo a recebê-lo em Paris, quando saiu do Uruguai, em 1978, junto com Trajano Ribeiro, Miguel Bodea e Sidney Miguel, e a firmar, com ele, em 1979, em Lisboa, a histórica Carta de Lisboa (<http://pdt12.locaweb.com.br/memoria.asp?id=17> ). Não me arrependo.

Como dizia Gilberto Amado: Dura um segundo uma ilusão e dura a eternidade uma saudade.

*\* Paulo Timm é economista, mora em Torres, RS, em Brasília, DF e agora passará dois anos em Lisboa, Portugal.*

## A FAIXA DE PEDESTRES COMO REQUISITO DA PAZ NO TRÂNSITO

**“Não se trata de respeitar a faixa para o pedestre, – uma imposição da Lei -, mas de respeitar o pedestre na faixa. ( Rubem Queiroz Cobra in <http://www.cobra.pages.nom.br/bmp-faixapedestres.html>)**

**“Trânsito é o movimento ordenado de pedestres e veículos pelas ruas da cidade. A calçada é para os pedestres; a rua é para os veículos ... . Só com educação e severa fiscalização atingiremos o estágio do mútuo respeito. ( Cyro Vidal — Advogado e presidente da Comissão de Trânsito da OAB – SP e um dos autores do anteprojeto do atual Código de Trânsito Brasileiro).**

### 1. A PAZ NO TRÂNSITO EM BRASÍLIA

A 23 de janeiro de 1998, a capa do Correio Braziliense, de Brasília, trouxe a manchete “Faça como eles, não faça como eles” que destacou a entrada em vigor do novo Código de Trânsito Brasileiro. Como ilustração o jornal trazia a capa do disco Abbey Road, dos Beatles atravessando na faixa de pedestre, acima em paródia dos Simpsons. Embaixo, aparecia uma foto politicamente incorreta: o então governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque e a então deputada Marta Suplicy (ambos do PT), atravessando uma via fora da faixa. Não obstante, Cristovam foi um dos artífices do referido Código com a sua Campanha Paz no Trânsito, que inspirou os capítulos referentes às faixas de pedestres. Depois de quatorze anos de aplicação do Programa de valorização destas faixas em Brasília, mesmo com resultados discutíveis, custo elevado e muitas críticas, o respeito ao pedestre é um orgulho do brasileiro. Nenhuma outra cidade no país leva tão a sério esta questão. O conceito é simples: há uma guerra pelo espaço nas cidades e se há conflito impõe-se a Lei, mas a Lei só vinga se houver, no seu cumprimento, o rigor de seu executor – autoridades do trânsito – e o concurso da cidadania, que no Distrito Federal não só apoiou o programa, como nele incorporou 58 organizações governamentais e os principais veículos de imprensa.

### CONCLUSÃO –

As estatísticas de trânsito sofreram melhoras significativas durante os 14 anos de implementação da faixa, principalmente na diminuição dos atropelamentos, que era um de seus objetivos.

Entretanto, ainda continuam ocorrendo acidentes fatais neste equipamento de segurança, demonstrando, cada vez mais, a importância da continuidade na implementação de melhorias na faixa de pedestre.

Dentre os diversos fatores geradores de risco, a ultrapassagem de um veículo já parado na faixa foi a que mais provocou acidentes (71%) dos acidentes analisados após 2006.

Como possível solução para este fato, o DETRAN e o DER já estão implementando uma nova sinalização que dê maior visibilidade, proíba estacionamento, dificulte a mudança de faixa de rolamento, o trânsito de motos no corredor, nas proximidades da faixa, dentre outros fatores de risco.

## DISTRITO FEDERAL – VÍTIMAS FATAIS NO TRÂNSITO

### ANO TOTAL PED MORTOS MORTES NA FAIXA

1997 465 202 2

1998 430 153 1

1999 475 195 3

2000 432 149 5

2001 421 165 4

2002 444 157 3

2003 512 158 5

2004 423 139 5

2005 442 163 6

2006 414 132 9

2007 467 136 2

2008 456 157 6

2009 424 115 11

2010 461 154 7

(1) Além dos pedestres, inclui também ciclistas, condutores e passageiros.

Nota: os acidentes englobam as colisões, atropelamentos, choques com objeto fixo e quedas ocorridos nos locais onde estão instaladas as faixas de pedestre. Quadro re-elaborado pelo autor.

<http://www.detran.df.gov.br/sites/200/240/00000756.pdf>

Na verdade, a sociedade exigia mudanças na capital do País assustada com o volume de acidentes com uma média era de 90 km/h. O Governo do Distrito Federal, Cristovam à frente, foi sensível e montou um eficiente programa de segurança que vigorou de janeiro de 1995 até dezembro de 1998. num raro exemplo de Sociedade civil, o Estado e a mídia unidos para construir um novo patamar de civilidade na capital do país. Hoje, este programa já se constitui em modelos para cidades de outros países e em objeto de Tese de Mestrado na Universidade de Brasília.

O elo com a comunidade se formou a partir de agosto de 1996, quando o jornal Correio Braziliense elegeu o trânsito como prioridade editorial e provocou a comunidade a aderir.

O apelo do jornal em defesa da vida conseguiu reunir atores historicamente antagônicos ou sem antecedentes de alianças. Foi formada uma comissão com 58

representantes do Governo, de sindicatos dos trabalhadores e patronais, igrejas cristãs e religiões não teocráticas, partidos políticos adversários, defensores da escola pública e do ensino privado. Este grupo promoveu centenas de manifestações na cidade. As mobilizações prepararam a cidade para organizar a Caminhada pela Paz no Trânsito, que reuniu 25 mil manifestantes no dia 25 de setembro de 1997 .

<http://www.ruaviva.org.br/transito/partnership.htm>

Em 13 anos, o número de faixas de pedestres, em Brasília, já havia saltado de 600 para cerca de 5 mil. A frota de carros, que era de 585 mil veículos em 2000 — esse é o dado mais antigo disponível no site do Detran —, em 2010, era o dobro : 1.233.000 veículos. Ainda assim, o número de vítimas fatais estabilizou-se.

O custo total está estimado em US\$ 32,5 milhões, sendo US\$ 30 milhões gastos diretamente pelo Governo, que concebeu o Projeto (1995 a 1998) em obras viárias, equipamentos, sinalização, equipes de fiscalização e campanhas educativas – não há informação oficial sobre os gastos do atual Governo (1999-2002).

Em quatro anos, o tema trânsito ocupou no jornal Correio Braziliense um espaço que equivaleria a US\$ 2,51 milhões, caso o centímetro cúbico do jornal fosse comercializado como publicidade.

Não houve recursos públicos investidos nas manifestações de rua de apoio à proposta governamental e dezenas delas aconteceram, por isso não nos foi possível mensurar os gastos feitos pelas 58 instituições da sociedade civil que participaram do Programa.

<http://www.ruaviva.org.br/transito/partnership.htm>

A experiência de Brasília mostrou que é sempre possível mudar uma cultura quando a sociedade inteira aponta para o mesmo objetivo. E se Brasília é um exemplo nacional, Torres, além de mais bela praia pode ser também conhecida no Estado como a mais civilizada e segura em termos de trânsito. A proximidade de eleições municipais, no ano que vem, bem pode levar a que candidatos se sensibilizem, desde já com o tema, incorporando-o em seu Programa. Especialistas, porém, advertem sobre os cuidados que se deve ter ao lançar um programa de Paz no Trânsito:

Mas há uma seqüência de outros cuidados que são estruturais para o sucesso da empreitada:

1. Haver compromisso político da administração pública para não ceder às pressões políticas e econômicas dos setores que defendem a impunidade nos delitos de trânsito;
2. Elaborar um programa permanente e não campanhas ou ações isoladas, e do qual devem participar todas as áreas envolvidas do governo, como as secretarias de Transporte e Circulação; Segurança Pública; Obras; Saúde; Comunicação Social e Educação;

3. Trabalhar na mobilização da sociedade civil para respaldar as medidas coercitivas e principalmente para a educação do condutor;
4. Organizar um Fórum permanente de entidades populares, órgãos de imprensa e de governo, para garantir a continuidade do Programa;
5. Montar uma eficiente e eficaz estatística de acidentes de trânsito;
6. Desenvolver programas de educação nas escolas públicas e privadas, bem como mobilizá-las para campanhas na cidade;
7. Fazer campanhas públicas de conscientização das novas regras de conduta e das punições cabíveis;
8. Garantir como parceiras permanentes empresas de jornalismo, conquistando, assim, uma Mídia Cidadã pela Paz no Trânsito. Para isso, um zelo todo especial deve ser dado à relação com a imprensa. Os jornalistas tiveram acesso a todas as informações solicitadas ao governo. E também receberam inúmeras sugestões de pauta. Por ser uma relação honesta e clara, em alguns momentos o pessoal do governo precisou contar em entrevistas coletivas.

O que não fazer é partidizar as ações, sonegar informações à imprensa, se intimidar com as pressões políticas e econômicas de defesa dos infratores e, não recuar na permanente fiscalização e continuidade das ações propostas.

( <http://www.ruaviva.org.br/transito/partnership.htm>)

## 2. A FAIXA DE PEDESTRES NA LEI DE TRÂNSITO

Trânsito é a utilização das vias por veículos motorizados, veículos não motorizados, pedestres e animais, para fins de circulação, parada ou estacionamento. Leis de trânsito são as leis que regem o tráfego e regulamentam os veículos nas cidades. As regras básicas de trânsito são definidas por um tratado internacional sob a autoridade das Nações Unidas, a Convenção de Viena sobre Tráfego Rodoviário, de 1968 `qual o Brasil aderiu , com pequenas ressalvas, em 10 de dezembro de 1981 pelo Decreto n.º 86.714, vindo a codificá-la na Lei Lei 9503/97 –

<http://www2.transportes.gov.br/bit/trodo/codigo/index.htm>.

As Leis de trânsito procuram reduzir o tempo dos condutores , com o menor risco de acidentes, fluindo em faixas de tráfego numa direção particular, com cruzamentos e sinais de trânsito que evidenciam sentidos e prioridades sobre as vias, sempre privilegiando as de maior movimento sobre as de menor movimento e a preservação da segurança dos usuários.

O trânsito pode ser separado em classes: motorizado, não-motorizados(bicicletas, carroças e Pedestre). Classes diferentes podem compartilhar limites de velocidade e

direitos, ou podem ser segregadas. Alguns países têm leis de trânsito muito detalhadas e complexas enquanto outros confiam no bom senso dos motoristas e na boa vontade deles em cooperar, evidenciando o bom desenvolvimento da educação para o trânsito. (wikipedia – acesso 10 de agosto de 2011)

A faixa de pedestres pintada ou demarcada no leito carroçável, segundo o artigo 85 do Código de Trânsito Brasileiro, é o local destinado à travessia da via pública. É o porto seguro do pedestre, é o salva-vidas do mais fraco.

As faixas de pedestres não podem ser colocadas aleatoriamente. Devem se situar em pontos de maior circulação de pessoas, em distância rigorosamente avaliada pelos engenheiros de trânsito de forma a evitar acidentes, sempre a uma razoável distância dos cruzamentos, obedecendo a convenção : (1) uma série de faixas brancas paralelas, mais visível, (2) duas longas linhas brancas horizontais, ambas com iluminação visível à noite

Em alguns casos recomenda-se a combinação das faixas de pedestres com semáforos automáticos ou acionados manualmente pelos pedestres. Torres, lamentavelmente, está longe destas recomendações.

Onde não houver faixa de pedestre, esses devem se deslocar para os cruzamentos, onde os veículos têm a obrigação de reduzir a velocidade e, ainda que não haja a faixa de pedestre, é o local mais apropriado para travessias de pedestre, que devem proceder deslocamentos em ângulos aproximadamente retos, perfazendo a menor distância de travessia.

O que importa, porém, é que os condutores de veículos motorizados ou não motorizados – bicicletas!!! – compreendam que a rua é seu espaço privilegiado tanto quanto a calçada o é do pedestre, mas que a vida do pedestre é um bem inalienável que sempre deve ser respeitado. Os artigos 69, 70 e 71 tratam do assunto.

O Artigo 69 adverte o pedestre de que , antes de iniciar a travessia, deve sempre observar se está sendo visto, cuidando de verificar a a distância e a velocidade dos veículos que se aproximam . Deve ainda usar a faixa sinalizada ou passagem a ele destinadas sempre que uma ou outra existir numa distância mínima de 50 metros. (AB) Os artigos 70 e 71 do Código Nacional de Trânsito frisam:

Art. 70. Os pedestres que estiverem atravessando a via sobre as faixas delimitadas para esse fim terão prioridade de passagem, exceto nos locais com sinalização semafórica, onde deverão ser respeitadas as disposições deste Código.

Parágrafo único. Nos locais em que houver sinalização semafórica de controle de passagem será dada preferência aos pedestres que não tenham concluído a travessia, mesmo em caso de mudança do semáforo liberando a passagem dos veículos.

Art. 71. O órgão ou entidade com circunscrição sobre a via manterá, obrigatoriamente, as faixas e passagens de pedestres em boas condições de visibilidade, higiene, segurança e sinalização.

### 3. CONCLUSÃO

A Paz no Trânsito, com a redução do número de vítimas é um imperativo de uma sociedade que está vendo o número de veículos aumentarem assustadoramente em poucos anos, levando à tensões cada vez maiores entre os próprios condutores e entre

eles e os pedestres. Isso exige cada vez maior atenção de todo mundo, começando, naturalmente, pela autoridade municipal que tem a responsabilidade maior sobre a sinalização das vias e aplicação do Código de Trânsito. A União legisla sobre o trânsito, mas o Município é quem zela pelo cumprimento da Lei, delegando, inclusive competências à Polícia Militar. Ao Ministério Público cabe a supervisão de todo este processo fazendo cumprir a Lei. A cidadania, porém, não pode continuar se omitindo. Deve conhecer seus direitos e obrigações sobre o trânsito, colaborando com as autoridades públicas. Ponto decisivo da articulação entre Prefeitura e Sociedade são as campanhas de educação para o trânsito, começando pela divulgação do Código Nacional de Trânsito nos Bancos Escolares, com ou sem disciplina específica para tanto. É inadmissível que se dê uma bicicleta a uma criança sem adverti-la sobre os riscos do trânsito e sem que ela conheça o princípio fundamental do respeito ao pedestre, tanto nas ruas, como principalmente, nas calçadas, onde este reina soberano, embora muitas vezes aí mesmo ameaçado por condutores de veículos apressados em entrar ou sair de suas respectivas garagens, ou ciclistas irresponsáveis, em alta velocidade, insinuando-se como bólidos entre os pedestres. Abaixo algumas dicas de re-educação para o trânsito de um estudioso do assunto:  
**ATENÇÃO!**

Regras importantes!

Rubem Queiroz Cobra

- 1) Familiarize-se com os locais onde existem faixas para travessia de pedestres;
- 2) Não dirija a mais de 60 km por hora em ruas que tenham muitas faixas para o pedestre;
- 3) Diminua a marcha bem antes da faixa, se for parar, com atenção no retrovisor para o carro que vem atrás;
- 4) Pare, se notar com antecedência um pedestre na calçada em um dos extremos da faixa em atitude indicando que pretende atravessar a via (observada a recomendação 3, acima).
- 5) Deixe o pisca – alerta ligado enquanto estiver parado e não movimente o carro antes que o pedestre alcance a calçada do outro lado (Estando parado você atrairá a atenção do motorista que vier na outra faixa para que também ele pare o seu veículo).

\*\*\*

**PAZ NO TRÂNSITO : UMA REVOLUÇÃO DE ATITUDES. FOI EM BRASÍLIA, PODE SER EM TORRES**

*\*Paulo Timm é economista, mora em Torres, RS e em Brasília,DF, e se prepara para uma temporada em Lisboa, Portugal.*

## **O NOSSO BOVARISMO ÂS AVESSAS.**

**Celso Furtado, decano dos economistas brasileiros, gênio da raça, Ministro da Cultura da Nova República de José Sarney – 1985-1989 – , depois de ter curtido muitos anos de exílio em Paris (onde assisti, suas aulas na Sorbonne Paris IV – IEDES), só porque tinha sido Ministro de João Goulart, sempre dizia que nossa cultura é impregnada de bovarismo**

**([http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional\\_literatura2.php?id=695](http://www.torres-rs.tv/site/pags/nacional_literatura2.php?id=695))**).

**Procurei compreender melhor o significado desta palavra e descobri que se trata de uma**

**“Insatisfação romântica que consiste em querer evadir-se de sua condição, adotando uma personalidade idealizada, como o fez a heroína do romance Madame Bovary, de Flaubert”.**

O termo – bovarismo- tem origem no personagem Madame Bovary de Gustave Flaubert, no livro homônimo. Psicologicamente, o bovarismo consiste numa evasão do sentido da realidade, na qual uma pessoa depois de se atribuir o que não é, tal como algumas mulheres que se olham ao espelho e se crêm fatais, ou homens que escutam a rouca voz e se acreditam Pavarottis, ou certos oportunistas que chegam ao Poder sem qualquer lastro de liderança efetiva e se acreditam líderes, cai na real. Consta que este uso foi introduzido por Jules de Gaultier – 1858-1942 no seu *Le Bovarysme*, *essai sur le pouvoir d’imaginer* (1902) .[1] Em termos amplos, o bovarismo revela um estado de insatisfação crônica de um ser humano, produzido pelo contraste entre suas ilusões e aspiração ou realidade.

O sentido dado por Furtado, entretanto, à nossa cultura, parece mais inclinado à alienação existencial do que à alienação psíquica. Adoramos o que é de fora, o que é importado, o que faz sucesso no exterior e nos vemos com desdém. E até repetimos com areas de sabedoria: “Santo de Casa não faz milagre”. Outro ensaísta famoso, o Imortal Alvaro Lins (1912-1970), autor de vasta obra, deixou também sua aversão a esta mania nossa de só valorizar o estrangeiro: “Ah afogados indígenas!”, repetia sempre. Um ligeiro desvio do bovarismo seria o “bacharelismo”, que tanto impregnou, também, nossa cultura, recheando-a com diplomas, títulos e adjetivos de escadaria. Até hoje, quem tem curso superior , não vai para as celas dos comuns quando é preso...E até já se exige de quem faz um Curso Superior Tecnológico, de dois anos, para facilitar o ingresso no mercado de trabalho, que apresentem um TCC – Trabalho de Conclusão do Curso – para se formar... Restos, provavelmente, de uma boa sociedade senhorial fundada no latifúndio e na escravidão e que acha que é muito mais importante falar ou escrever bonito do que “fazer bem”.

O Brasil real, entretanto, vai se construindo a trancos e barrancos. Há poucos dias comemorou-se – nem sei se seria este o termo adequado – que em breve seremos 7 bilhões de almas no planeta, cabendo-nos, aí uma fatia de 230 milhões. De onde saiu tanta gente? – pergunto-me. O planeta tinha pouco mais de um bilhão de gentes em 1900, nós, pouco mais de 10 milhões. Um século depois, o mundo já tinha 6 bi e nós, 180 milhões. Agora somos mais de 190 milhões. E isso que morreram mais de 50 milhões de pessoas nas duas Grandes Guerras, sendo que mais de cem mil nas explosões nucleares de Hiroshima e Nagasaki. Aqui, multiplicamo-nos, de 10 para 180 milhões, em um século, como poucos povos no mundo.

E ainda dizem que o capitalismo não funciona...Imaginem se funcionasse! E que nosso capitalismo tardio é selvagem...Ninguém duvida.

Mas como uma nação – seremos mesmo uma nação!? – que dá tamanho salto demográfico pode se achar pessimista? Digo-o porque, ultimamente, tenho percebido o retorno de um estado de espírito desfavorável ao país. Já, porém, ninguém se refere ao exterior em êxtase, nem à “América” em delírio. Para nós. o “exterior” , graças ao câmbio favorável, passou a ser bom para viajar, passar férias, “conhecer lugares diferentes”. Todo mundo quer viver aqui, mas sempre reiterando: “Até nosso futebol está uma m...!” Percebo, então, que não se trata mais do proclamado bovarismo como alienação. Este se recolhe apenas em alguns segmentos muito restritos da boa sociedade. Talvez, até, nem seja mais um traço da nossa cultura, mas de uma cultura que vai se esvaindo com democratização da sociedade. O desgosto, agora, é para com as instituições do país, notadamente, os políticos. É como se , na verdade, houvesse dois países: o Brasil real, das ruas, e o Brasil dos políticos encastelados em suntuosos gabinetes, altos salários, assessores-para-tudo, sinecuras, villegiaturas, desde a mais modesta Câmara de Vereadores da famosa Cacimbinhas, até os altos escalões de Brasília, passando por verdadeiros sultanatos, como o do Governador do Rio de Janeiro, com sede social em Mangaratiba. O crônico estado de insatisfação não é mais um distanciamento da realidade, mas, ao contrário, sua manifestação mais expressiva. E cuide-se quem pensa que isto é uma coisa superficial. Na ignorância, mesmo, das grandes conquistas do desenvolvimento brasileiro – que proporcionaram um imenso salto populacional em um século, inventando-nos como povo ( com a quarta língua mais falada no mundo que tem em Drummond, Guimarães Rosa e Chico Buarque verdadeiros ícones modernos , como as transferiu , embora sob o acicate da crueldade migratória, ora para as cidades, reorganizando a economia em bases tecnológicas, ora para a vastidão dos sertões, realimentando o próprio modelo primário-exportador) –

as mazelas do presente invertem o sentido do antigo bovarismo mantendo-lhe a essência: Não se vê a realidade. Esta é reduzida às suas ruínas sem que tenha se erigido em civilização. E tudo isto porque nosso sistema político é miúdo, provinciano, defasado de tudo. Pensa fazer crer que é só seu o que é produto do tempo. Além disso, perverte-se no poder e pelo poder, pervertendo, como dizia Ulysses Guimarães, o próprio poder. E assim se esvai.

Queiramos ou não – e o mundo está de olho em nós dessa vez – , o Brasil é um case de modernização bem sucedida, levada a efeito sem os traumas de revoluções sangrentas como a Gloriosa, Francesa, Russa ou Chinesa, nem Guerras ruidosas, embora com elevados custos sociais. Na verdade, tudo o que tem sido feito o foi com o sangue e suor das grandes massas que até hoje só alimentam um sonho: entrar na classe “C” ... Mas será que nem isso seremos capazes de lhes proporcionar insistindo na covardia diante de duras tarefas que temos que enfrentar ?Tais como:

reorganizar realmente o sistema político, acabando com o monopólio dos Partidos no processo representativo, fechar o Senado Federal em benefício de um Congresso Unicameral e sua transformação no Conselho da República com participação dos Governadores, fixar em até dez salários mínimos a remuneração dos vereadores e deputados segundo disposições amplamente discutidas, fazer um PACTO PELA EDUCAÇÃO com vistas a colocar 90% dos jovens entre 18 e 25 anos no nível superior em dez anos, limitar o pagamento de juros da dívida em até 15% da Receita Pública, dar um grande SALTO TECNOLÓGICO em termos de novos materiais e combustíveis.

*(\*) Paulo Timm é economista e atualmente mora em Torres, RS.*

**VAI-SE PALOCCI. FICAM AS DÚVIDAS.**

**“O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.”**

**( John Emerich Edward Dalberg-Acton , Lord Acton).**

**“O poder corrompe, mas a falta de poder corrompe absolutamente”. (Adlai Stevenson).**

**“Um artista nunca pode ser absolutamente ele mesmo em público, pelo simples fato de estar em público. Pelo menos, ele precisa sempre de ter alguma forma de defesa”. (John Lennon).**

**“Sou obrigado a reconhecer que, com toda a corrupção que teve de um tempo para cá, o que encontramos no governo Collor deveríamos ter enviado para o juizado de pequenas causas”. (Sen. Pedro Simon).**

**“Nesse cenário de tumulto, o PMDB, aproveitando essa implosão interna petista, joga todas as suas fichas para influir na coordenação política do governo. Os líderes peemedebistas, na prática, estão detonando, a partir do Congresso, o presidencialismo imperial”. (Jornalista Cesar Fonseca .**

**\*\*\***

Com tantas e tão boas citações eu nem precisava escrever mais nada. Dava o dito pelo não dito. Machadianamente. Vá lá...! Ou como ele teria preferido, sendo de bom tom no seu tempo de cronista: “Voilà...”

Depois de agonizar durante quase um mês no cargo de Chefe da Casa Civil do Planalto, vai-se o Doutor Palocci, sob os aplausos dos correligionários, mas veemente censura da sociedade, ainda não convencida de sua beatitude. Sai da epígrafe para o pé de página. Orgulhoso. Radiante. Sem mágoas. Deixa atrás de si o flagrante da distância entre o Estado e Sociedade...

Da crise, duas reflexões, uma de caráter ético, outra política, esta evidenciando a fragilidade da Presidente Dilma no cargo para o qual foi guindada artificialmente, agravada pelo desmoronamento da ala do poderoso PT paulista, que à prostra no colo do PMDB , tendo à sua direita o mais insinuante Vice que se tem notícia, desde Floriano. Bem que todo mundo sempre notou algo de militar em Dilma. Nela viram Lott, depois viram Dutra, agora vêm Deodoro...

Mas vamos ao crime, que jamais existe sem “motivos”.

Ficaram no ar diversas perguntas: Por que os políticos mentem? Porque os políticos se envolvem em negócios escusos, com interesses pessoais ou, quando “santos”, como Delúbio, de seu grupo político? Não há governo sem crime?

Estas questões são hoje colocadas no mundo inteiro, pois universais, provocando descrédito notável nas instituições política. Não mentem apenas os mentirosos. Não roubam apenas os ladrões contumazes. Estas práticas parecem ter se disseminado em , senão todos, quase todos os países do mundo, mormente os ocidentais, de longa tradição democrática.

A mentira política, no mundo moderno, passou a ser parte constitutiva da própria vida institucional do Estado. O político é um ator à vista de uma nova mídia inserida na cultura do espetáculo. A República o redimiou do anonimato para o prosaetrio, sem ter providenciado nenhuma garantia de “formação”, seja cívica, seja formal, seja até de modos para este salto. De resto, publicamente exposto, este ator se-refugia-se na mentira para se defender ou para defender, eventualmente, algum interesse do Partido, do Sistema, do Estado, não passível de conhecimento público. Como, certa vez, no auge da crise de 2008, o ex presidente Lula desabafou, ao ser contrastado pelos fatos: “Então...Queriam que dissesse que o paciente está nas últimas, à beira da UTI...?” Sem sabê-lo, ele se referia, aí, a um dos fundamentos da sociologia de Max Weber, quando este demonstra a diferença entre a ética de responsabilidade do político e a ética da verdade do cientista. Poderíamos levar o argumento weberiano adiante inventando outras éticas: a do palhaço, a da prostituta, a do criminoso. Um sem-fim de motivos para um rosário de “éticas”, culminando pela comprovação do dito de que o excesso de argumentos falece a razão. Onde iríamos parar...? Por isso é sempre bom lembrar que há muitas águas num mesmo rio mas é sobre o seu talvegue que ele se impõe e quando se encontra com outras águas é o mais profundo que preserva a denominação. A “mentira institucional” de Weber até pode ser uma exigência da estabilidade republicana, particularmente no volátil mundo financeiro em que vivemos. Mas quando ela se alastra como praga, tornando-se um vício de caráter, acaba contaminando não só o universo da vida pública, mas de toda a sociedade. Mas por que roubam?

Em países autoritários, independente dos regimes, parece que o mal também viceja, ainda que sufocado pelo controle da mídia e da opinião pública. Ninguém duvida que Saddam Hussein era um homem muito rico, como outros líderes árabes que acabaram de cair ou que estão prestes – Kadafi – também o eram. Paradoxalmente, precisamente Saddam e Kadafi foram os líderes que mais adiante levaram a revolução social no mundo árabe: eliminaram o analfabetismo, reduziram a pobreza, impulsionaram mudanças estruturais na economia e mantiveram o clero radical sob estrito controle. Em Paris, tornou-se visível o desfile de ex-líderes africanos em carros de luxo, ostentando riqueza. China e Cuba, também super-autoritários, são honrosas exceções no contexto das ditaduras, tudo parecendo que seus líderes não se transformaram em milionários pelo (ab)uso do poder.

Nos países democráticos a questão da desonestidade também tem diversas nuances. Segundo a ONG Transparência Internacional – <http://www.transparency.org/> -que tem divulgado relatórios a respeito, os países nórdicos são campeões deste valor enquanto os africanos são seus algozes. Entre eles, com pontuação medíocre, estão vários países europeus e da América Latina, inclusive o Brasil, nos quais se alteram governos de direita e de esquerda, todos mergulhados em escândalos éticos. Os socialistas, nestes países, alegam, sibilamente, que seria impossível fazer política sem o recurso a expedientes nem sempre recomendáveis para “fazer caixa”. Afinal, são todos, ou quase todos, de origem pobre. Vendem favores de Estado, tráfico de influência e até

setores inteiros da economia para permanecerem no “jogo” político.: campanhas caras, financiamentos de cabos eleitorais e máquinas partidárias, a garantia pessoal para os períodos de “baixa”.

Vê-se, pois, que a questão ética não é exclusividade, mais, da ideologia. Direita e esquerda se misturaram na sarjeta do crime de colarinho branco, quando não na roda do crime organizado.

Daí, lamentavelmente, ter-se que fazer , à guisa de conclusão, da prosa o verso, que, como diria o poeta maior, não chega a ser solução:

NÃO HÁ GOVERNO SEM CRIME,

NÃO HÁ HOMEM SEM PECADO.

NEM DEUS DISSO SE REDIME

VISTO TER-SE COMO HOMEM PROCRIADO...

\*Paulo Timm é economista, mora em Brasília, DF e em Torres,RS